



**Universidade  
Estadual de  
Londrina**

---

DAIANE RITA RIBEIRO

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS**

LONDRINA  
2010

DAIANE RITA RIBEIRO

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Pedagogia, do Departamento de Educação, do  
Centro de Educação, Comunicação e Artes, da  
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Márcia R. Souza Xavier

LONDRINA  
2010

DAIANE RITA RIBEIRO

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Marcia R. Souza Xavier<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Londrina

**Avaliadoras**

---

Profa. Mestranda Cláudia R. Alves dos Santos<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa. Isabel Francisco de Oliveira Barion<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 15 de setembro de 2010.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha mãe!

Mulher guerreira que precisou trabalhar muito cedo para dar conta de uma filha e da família.

A meu pai (em memória)!

Uma pessoa sem estudos, mas que sempre me apoiou do jeito dele, com amor.

Dedico principalmente à minha vó que cuidou de mim e fez parte de todas as etapas da minha vida! Sempre ao meu lado, cuidando e a quem sempre amarei.

A todas as famílias brasileiras e a todos os estudantes do SESC que são parte importantíssima desse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus**, que esteve e está sempre presente na minha vida, me capacitando e me abençoando. Agradeço pelo amor e misericórdia que Ele me revela todos os dias na minha vida.

**À minha família**, minha mãe Zina, minhas irmãs Rebeca e Vitória, minha vó Rita que sempre foi minha grande mãe, meu tio Sidnei que foi e sempre será meu paizão que tanto amo, a meu pai que vou sempre amar, e a toda minha família que me inspirou a entender melhor as relações familiares.

**A meu esposo Thiago** que tanto amo e pretendo viver o resto dos meus dias e formar uma família feliz. Agradeço porque ele esteve comigo em todos os momentos desse processo tão complexo que é a formulação do TCC.

**À Marcia minha orientadora**, que me ajudou a compreender e adivinhar os meus pensamentos que muitas vezes ficam confusos em meio à ansiedade. Ela soube me compreender e compreender a importância e a grandeza desse trabalho para minha vida e por isso acaba por fazer parte da nossa vida.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

EJA – Educação de Jovens e Adultos

CONFINTEAs – Conferencias Internacionais de Educação de Jovens e Adultos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

SESC – Serviço Social do Comercio

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UNESCO – Organizações das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

FINEP – Fundo Nacional do Ensino Primário

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

SES - Sistema de Ensino Supletivo

I CONCLAP – Primeira Conferência das Classes Produtoras

RIBEIRO, Daiane Rita. **Educação e família no contexto da educação de jovens e adultos**. 2010. 54 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina. 2010.

## RESUMO

Este estudo se configura como um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia do Departamento de Educação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina. Tem por objetivo conhecer as relações que existem entre a instituição familiar e a educação no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a fim de problematizar em que termos a estrutura familiar dos estudantes desta modalidade de ensino interfere no desenvolvimento escolar dos mesmos. Segundo Freire (2007) as pessoas oprimidas, sejam elas analfabetas ou não, enquanto classe, não superarão sua situação de explorados a não ser com a transformação radical, revolucionária da sociedade de classes em que se encontram os explorados. As famílias dos estudantes da EJA em geral pertencem a classe socioeconômica baixa, por isso sempre precisaram trabalhar muito e não puderam encaminhar ou mesmo manter e apoiar seus filhos na escola. A condição de exploração em que sempre estiveram obrigou-os a trabalhar muito ganhar salários injustos que não possibilitaram arcar com as necessidades básicas da família, condição que muitas vezes obriga os pais a contarem com o trabalho dos filhos, o que inviabiliza os estudos. A fim de entender esta realidade, desenvolvemos a pesquisa bibliográfica que apresenta análise de conjuntura referente a história da família, da educação e especificamente da EJA. Para tanto utilizamos o referencial teórico da História, da História da Educação e da Pedagogia da Libertação. A pesquisa de campo foi direcionada para investigar o significado que a família assume no contexto da EJA. Para tanto escolhemos como *locus* de investigação o Ensino Médio da Escola do SESC do Centro de Londrina no ano de 2010. Os dados foram coletados a partir de observação da escola, questionários, entrevistas e registros em diário de campo. Os resultados apontam que a questão dos estudantes da EJA em relação às suas famílias diz respeito ao fato destas precisarem trabalhar para sobrevivência e por isso não puderam encaminhar seus filhos para a escola. Muitos estudantes declaram que pararam os estudos pela necessidade de trabalhar para ajudar os pais e depois de adultos, muitas vezes não podem estudar porque precisam trabalhar muito para sustentar a família, no entanto precisam voltar para a escola pela necessidade de qualificação para o mercado de trabalho.

**Palavras Chaves:** Educação de Jovens e Adultos. Família. Trabalho.

RIBEIRO, Daiane Rita. **Education and family in the context of youth and adults.** 2010. 54 f. Completion of Course Work (Graduate Education) - Universidade Estadual de Londrina. 2010.

### **ABSTRACT**

This study was designed as a complete work of the Faculty of Education Department of Education, the Center for Education, Communication and Arts of the Universidade Estadual de Londrina. Aims to understand the relationships between the family institution and education in the context of Youth and Adults (EJA), to discuss the terms in which the family structure of this type of teaching students interferes with the development of the same school. According to Freire (2007) oppressed people, whether literate or not, as a class, not overcome their situation of not being explored with the radical transformation of the revolutionary class society in which they are exploited. Families of students in adult education generally belong to lower socioeconomic class, so we always had to work hard and could not go or even maintain and support their children in school. The condition of operation in which were always forced them to work hard to earn wages unjust not possible afford the basic needs of the family, a condition that often forces parents to rely on the work of children, which prevents the studies. In order to understand this reality, we develop the literature that presents analysis of situation regarding the history of the family, education and specifically the EJA. We used the theoretical framework of History, History of Education and Pedagogy of Liberation. Field research was directed to investigate the meaning that the family takes in the context of adult education. We chose as the investigation place the school at the School of SESC Centre London in 2010. Data were collected from observation of the school, questionnaires, interviews and daily records in the field. The results indicate that the issue of adult education students in relation to their families because of these concerns the need to work for survival and therefore could not send their children to school. Many students claim that they stopped the studies by the need to work to help parents and as adults, often can not study because they need to work harder to support the family, however need to go back to school for the need for qualification for the job market.

**Keywords:** Youth and Adults. Family. Work.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPITULO 1 – CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E FAMÍLIA.....</b>	<b>14</b>
1.1 SOBRE EDUCAÇÃO.....	14
1.2 SOBRE FAMÍLIAS .....	17
<b>CAPITULO 2 – CONJUNTURA DE CONSTITUIÇÃO DA EJA: FAMÍLIA, TRABALHO E ESCOLA .....</b>	<b>24</b>
2.1 NO CONTEXTO MUNDIAL.....	25
2.2 NO CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA .....	26
2.3 FAMÍLIA, TRABALHO E ESCOLA: CONSTITUINTES IDENTITARIOS DOS ESTUDANTES DA EJA.....	30
<b>CAPITULO 3 - EDUCAÇÃO E FAMILIA NO CONTEXTO DA ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS .....</b>	<b>32</b>
3.1 A ESCOLA SESC.....	33
3.2 OS ESTUDANTES E SUAS FAMÍLIAS .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>41</b>
APÊNDICE A - Modelo de Questionário dos Estudantes da EJA .....	42
APÊNDICE B - Tabulação dos Dados dos Questionários dos Estudantes .....	43

## INTRODUÇÃO

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor do que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação.

**Paulo Freire, 2000.**

O tema desenvolvido nesta pesquisa diz respeito à relação entre educação e família no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para trabalhar esta temática desenvolvemos estudos sobre as concepções de famílias desenvolvidas ao longo da história ocidental, bem como os diferentes modelos de família que encontramos na sociedade brasileira no sentido de analisar as implicações dessas estruturas na vida escolar dos estudantes desta modalidade de ensino.

Este tema tem nos despertado muito interesse de certa forma por estar muito presente na nossa realidade pessoal e mesmo profissional. A maioria das mulheres tem se tornado independente em relação ao homem, divorciadas e com filhos com pouca convivência com os pais, o que de certa forma acarreta conseqüências para as mães, para os pais, e principalmente para os filhos. No contexto da EJA esta premissa é ainda mais comprometedor, visto que está presente a questão econômica, considerando que a grande maioria dos estudantes que procuram esta modalidade de ensino pertence a uma classe sócio-econômica baixa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os estudantes da EJA são considerados da classe baixa porque são trabalhadores que ganham um salário baixo, ou muito baixo, ou muitas vezes nem têm trabalho, Em geral são empregadas domésticas, pedreiros, empregados da construção civil ou de serviços gerais, cortadores de cana, trabalhador rural. Pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, pois precisaram trabalhar cedo. Também pela dificuldade de permanecer na escola por morarem em sítio, pela distancia ou pela ausência da escola. Por serem da classe trabalhadora tiveram que escolher entre estudar ou trabalhar para sobreviver, ajudar a família e se sustentar.

Do ponto de vista pessoal essa temática se torna intrigante pela necessidade de entender as conseqüências deste fenômeno, bem como até onde isso influencia a vida da pessoa que teve alguma dificuldade ou perda na família. Enquanto educadora e pedagoga o interesse está no desejo de desenvolver processos de inclusão de pessoas que têm dificuldade para estudar por motivos que têm origem na dinâmica da família.

A escola ao longo do tempo tem se pautado em um modelo de família que se caracteriza a partir do modelo nuclear burguês. No entanto a realidade social tem apontado para diferentes organizações familiares que diferem desta chamada de nuclear. Tanto os educadores quanto os estudantes sabem que essas novas estruturas fazem parte do novo contexto histórico em que há diferentes formas de organização familiar, com mudança nos papéis sociais que cada membro desempenha no interior destes diferentes modelos.

Questionamos nesta pesquisa quais as implicações da família com a escola e mais especificamente questiona em que termos as diferentes organizações da família atual influenciam no desenvolvimento escolar dos estudantes. O que de fato é importante para que as famílias consigam atender as necessidades dos seus integrantes?

Nosso **objetivo** é conhecer as relações que existem entre a instituição familiar e a educação no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a fim de **problematizar** em que termos a estrutura familiar dos estudantes desta modalidade de ensino interfere no desenvolvimento escolar dos mesmos.

O contexto escolar ao falar em família toma como referência o modelo nuclear formado por pai, mãe e filhos, idealizado como perfeito. Questionamos se todas as famílias se constituem desta forma. Questionamos também quais as conseqüências para a família e para os diferentes membros quando um dos membros não cumpre aquilo que é designado para ele como função e responsabilidade. Questionamos quais os desafios vivenciados pelas famílias como separações, violência, morte, prisão, abandono, mudanças, deslocamentos e principalmente quais as implicações destas perdas para os estudantes?

A família hoje não se organiza apenas de uma forma única, ainda que tenhamos como padrão o modelo nuclear. Hoje, de acordo com a situação e contexto, a criança pode ser criada pelo pai e pela mãe, ou só com o pai ou só com

a mãe ou com avós ou pelos tios. No entanto se faz necessário que cada um desenvolva seu papel visando suprir as necessidades da criança.

Neste caso o educador e o pedagogo têm um grande papel na inclusão das crianças no contexto escolar, independente da constituição familiar. Estes profissionais também têm o compromisso de amenizar os traumas que muitas vezes é causado na própria escola por estudantes e educadores que não sabem agir frente às mudanças ocorridas na sociedade de uma forma geral e também no interior das famílias.

A escola, partindo de um ideal burguês de família desconsidera as diferentes realidades pelas quais passam as diferentes famílias, especialmente as das classes populares. É como se a escola estivesse alheia à realidade em que vivemos atualmente, ainda que muitos educadores enfrentem desafios familiares parecidos com os vivenciados pelos estudantes.

Os educadores legitimam este modelo na medida em que cobram dos estudantes aquilo que eles não podem oferecer. É papel da escola e principalmente dos educadores acolherem as crianças de maneira que se sentissem bem e seguras no ambiente escolar, como um lugar que ela é entendida e aceita. Hoje as relações familiares são muito variadas e complexas.

A legitimação deste modelo ideal de família se efetiva em meio a uma cultura voltada para a comemoração de datas especiais como o dia dos pais, das mães, da criança e etc. Desta forma reproduz estes eventos como se a criança fosse obrigada a ter o pai e a ter a mãe nos moldes idealizados. A criança que não consegue atender este ideal cria no seu imaginário a idéia de que é inferior aos outros por não ter todos os respectivos membros da família idealizada pela escola.

Ao agir desta forma, a escola desvaloriza o contexto familiar de muitas crianças brasileiras. A escola poderia trabalhar nas datas comemorativas com a hipótese homenagear a família, seja ela como for. Neste caso a criança poderia trazer qualquer pessoa que cuida dela ou que ela gosta para ser homenageada na escola. Ao contrário de forçar a criança a ensaiar uma música, uma coreografia ou um teatro para alguém que ela sabe que não integra sua família.

No contexto da EJA a questão familiar está relacionada com a condição sócio-econômica. Segundo Freire (2007) as pessoas oprimidas, sejam elas analfabetas ou não, enquanto classe, não superarão sua situação de explorados a

não ser com a transformação radical, revolucionária da sociedade de classes em que se encontram os explorados.

As famílias dos estudantes da EJA em geral pertencem são de classe socioeconômica baixa, por isso sempre precisaram trabalhar muito e não puderam encaminhar ou mesmo manter e apoiar seus filhos na escola.

A condição de exploração em que sempre estiveram submetidas obrigou-os a trabalhar muito, ganhar salários injustos que não possibilitaram arcar com as necessidades básicas da família. Esta condição muitas vezes obriga os pais a contarem com o trabalho dos filhos, o que inviabiliza os estudos.

A fim de entender esta realidade desenvolvemos nossa pesquisa bibliográfica que apresenta análise de conjuntura referente a história da família, da educação e especificamente da EJA. Para tanto utilizamos o referencial teórico da História, da História da Educação e da Pedagogia da Libertação.

A pesquisa de campo foi direcionada para investigar o significado que a família assume no contexto da EJA. Para tanto escolhemos como *locus* de investigação o Ensino Médio da Escola do SESC do Centro de Londrina no ano de 2010. Os dados foram coletados a partir de observação da escola, questionários, entrevistas e registros em diário de campo.

**No Capítulo 1 – Constituição Sócio-Histórica da Relação entre Educação e Família**, consideramos que os diferentes modelos de família que temos hoje, bem como a sua organização e função social, é fruto de diferentes transformações históricas. Enquanto instituição social a família é pensada e constituída na interação com as dimensões políticas, econômicas e culturais da sociedade na qual é parte integrante. Neste sentido analisamos a história da família a fim de identificar a sua importância no desenvolvimento escolar dos estudantes

**No Capítulo 2 – Conjuntura de Constituição da EJA: Família, trabalho e escola**, constatamos que o advento do capitalismo acarretou mudanças em diferentes áreas da vida social inclusive na organização das famílias, do trabalho e da escola por isso neste capítulo analisamos a conjuntura de constituição da EJA e identificar o papel da família no processo de escolarização dos estudantes que procuram esta modalidade de ensino.

**No Capítulo 3 – Escola e Família no Contexto da Educação de Jovens e Adultos** relatamos a pesquisa de campo identificando a relação entre as famílias

dos estudantes da EJA e as demandas escolares com base nos relatos dos estudantes do Ensino Médio da Escola do SESC.

Os resultados apontam que a questão dos estudantes da EJA em relação às suas famílias diz respeito ao fato destas precisarem trabalhar para sobrevivência e por isso não puderam encaminhar seus filhos para a escola. Muitos estudantes declaram que pararam os estudos pela necessidade de trabalhar para ajudar os pais e depois de adultos, muitas vezes não podem estudar porque precisam trabalhar muito para sustentar a família, no entanto precisam voltar para a escola pela necessidade de qualificação para o mercado de trabalho.

Muitos estudantes relatam que precisam trabalhar muito para sustentar a família, e quando eram crianças precisaram parar de estudar para ajudar em casa, ou seja, o trabalho está presente como determinante na vida e na família em vários momentos, na ausência dos familiares e na necessidade de parar de estudar para sobreviverem.

No entanto entendemos que a família não é uma instituição decolada da sociedade maior da qual é parte, por isso entendemos que esta realidade se efetiva em função de um estado que não possibilita as condições necessárias para que as famílias consigam viver dignamente com o seu próprio trabalho. Pois o mesmo Estado que através da lei exige que as famílias brasileiras se responsabilizem com a educação escolar dos seus filhos, não possibilita as condições para que estas famílias efetivem seu dever.

## CAPITULO 1

### CONTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E FAMÍLIA

*O que me interessa não é que meus filhos e  
minhas filhas nos imitem como pai e mãe, mas,  
refletindo sobre nossas marcas, dêem sentido  
à sua presença no mundo.  
Paulo Freire, 2000.*

A educação está presente em todos os lugares, inclusive na família e na escola. Aprendemos e nos educamos não somente na escola, nem apenas com o professor, mas em todos os contextos sociais dos quais fazemos partes.

Nos educamos com amigos, vizinhos, na igreja. Em todos os contatos que temos com o mundo estamos aprendendo, em toda a interação humana de alguma forma estamos nos educando, seja no contexto formal, não-formal ou informal.

Muitos são os estudos a cerca da família, e a maior parte deles dizem respeito à importância que esta tem na sociedade como uma instituição educadora e formadora do ser humano. É o primeiro contexto social que possibilita ao ser humano, aprender, conhecer e se formar. Neste sentido, objetivamos neste capítulo conhecer a história da família a fim de entender a sua importância no desenvolvimento escolar dos estudantes.

Consideramos para tanto que os diferentes modelos de família que temos hoje, bem como a sua organização e função social, é fruto de diferentes transformações históricas. Enquanto instituição social a família é pensada e constituída na interação com as dimensões políticas, econômicas e culturais da sociedade na qual é parte integrante.

#### 1.1 SOBRE EDUCAÇÃOES...

A educação está presente em todas as etapas de nossas vidas. Desde o momento em que nascemos estamos nos educando, em casa com nossos pais, com

nossos amigos, na escola, quando conversamos com pessoas diferentes. Em toda interação humana a educação está presente, conforme afirma Brandão<sup>4</sup> (1981, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Neste sentido concebemos a educação como o processo de formação do ser humano que se efetiva em todo lugar e a todo o momento. Brandão (1981) caracteriza a educação como um processo amplo que se efetiva de diferentes formas ao afirma que não há uma forma única nem um único modelo de educação e a escola não é o único lugar onde a educação acontece.

Na busca de refletir sobre o conceito de Educação, Brandão (1981) na sua análise cita também Durkheim<sup>5</sup> quando este faz alusão á educação vivenciada nas trocas entre as diferentes gerações como uma preparação dos mais jovens para viver na sociedade a qual estão inseridos:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que na se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina (apud BRANDÃO, 1981).

Neste sentido, a educação pode ser concebida como mediação das relações humanas que se efetiva em diferentes contextos com diferentes objetivos. Tanto pode servir para crescimento, transformação e mudança individual e social, quanto pode ser usada ideologicamente para fins que contrariam a promoção da vida e da dignidade humana.

Para entendermos melhor sobre a idéia que Paulo Freire desenvolvida a cerca da educação, veja a citação da Mizukami a cerca da obra de Freire, Pedagogia do Oprimido, na qual ele valoriza a educação de certa forma geral tanto da escola quanto fora dela, sendo tudo um processo importante para o desenvolvimento do individuo.

Na obra de Paulo Freire, a educação assume caráter amplo, não restrita à escola em si e nem a um processo de educação formal. Caso a escola seja considerada, deve ser ela um local onde seja



possível o crescimento mútuo, do professor e dos alunos, no processo de conscientização, o que implica em escola diferente da que tem atualmente, com seus currículos e prioridades (MIZUKAMI, 1986, p. 95).

Para ilustrar melhor essa idéia de educação formal, que é aquela que é aprendida na escola com toda uma estrutura e sequência, toda planejada e organizada com uma diretriz curricular, a educação não-formal, que é uma educação que tem também um planejamento e uma organização, mas são curso, ou projetos trabalhados paralelamente com a escola, de formas diferentes da escola, e que de certa forma ajuda a completar a escola, onde às vezes alcança problemas que a escola não conseguiu resolver, ou seja, completa as lacunas deixadas pela educação escolar, e por fim a educação informal, que aquela que acontece naturalmente com as relações e interações, desenvolvidas no trajeto de vida do indivíduo, pelos ciclos de amizade e relacionamento, pela relação com o mundo, principalmente um dos maiores exemplos é com certeza a família, pois é a partir dela que se começa o desenvolvimento, no entanto a educação do indivíduo, sendo ela uma instituição informal, pois não tem um currículo e nem organização do conteúdo e nem uma sequência pré-estabelecida, mas quase sempre tem um planejamento da educação que será dada à criança após seu nascimento, para falar um pouco mais sobre isso vejamos a citação de Afonso Janela (2001, p. 78):

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Acredito que a educação é toda forma de desenvolvimento de ser humano, em várias situações, estamos o tempo todo aprendendo, por conseguinte sendo educados e educando, pois quando estamos ensinando algo estamos passando um conhecimento, podendo acontecer de várias formas de passagem de conhecimento, pelo professor, pelos pais, pelos amigos, pelos mais velhos, pelas convivências e interações, etc. não podendo desvalorizar nenhuma delas, afinal uma complementa

a outra, o ser humano é um vir a ser, e como tal tem que se desenvolver e ampliar seus conhecimentos.

A relação da família com a educação está justamente na interação das educações que os seus filhos estão recebendo e até que ponto a família esta tendo noção disso e participando, a família não tem só que participar da vida escolar dos seus filhos, mesmo sendo ela muito importante, no entanto a educação de seus filhos estão acontecendo com todos os seus relacionamentos e interações, sendo assim tão importante que a família esteja relacionada com essas educações de uma forma geral.

Para tanto para se entender a problemática dessa pesquisa se faz necessário entender as diversas definições de educação, para se relacionar essa educação com a família e com a EJA para podermos entender o contexto educacional dessas pessoas que participam dessa modalidade.

## 1.2 SOBRE FAMÍLIAS...

Segundo Prado (1985), a palavra família usada no sentido popular e mesmo nos dicionários significa um conjunto de pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas de mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção.

É possível observar que esta definição expressa a noção de um modelo de família chamado nuclear, que, por muito tempo, se manteve como modelo ideal de família, entendida como a união de pessoas ligadas por casamento ou por consangüinidade que, habitualmente, residem num mesmo espaço físico.

Historicamente, este modelo de família tem sua gênese na modernidade, sugerido pela burguesia que no advento da industrialização reivindica como padrão de normalidade. Ainda segundo Prado (1985, p. 8), mesmo que tenhamos este modelo como ideal, o fato é que os tipos de família variam muito conforme a história e as demandas impostas à cada contexto social:

[...] embora a forma mais conhecida e valorizada de nossos dias seja a família composta de pai, mãe e filhos, chamada “nuclear”, “normal” etc. Este é o nosso modelo, que desde criança vemos nos livros

escolares, nos filmes, na televisão, mesmo que em nossa própria casa vivamos em esquema diverso.

Para este autor, nem sempre a família teve esta composição visto que ela é uma instituição social que se diferencia através da história e pode até apresentar formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, de acordo com o contexto que pertence.

Sendo assim, as famílias se organizam de acordo com a história, a cultura e a ideologia das sociedades na qual estão inseridas, sendo, portanto, influenciadas inclusive por fatores de ordem políticos e econômicos. Osório (1996, p. 15) reforça este pressuposto, afirmando que “A estrutura familiar varia, portanto, enormemente, conforme a latitude, as distintas épocas históricas e os fatores sócio-políticos, econômicos ou religiosos prevalentes num dado momento da evolução de determinada cultura.”

A família é, portanto, uma organização que se constrói de diferentes maneiras conforme o tempo e o espaço, de acordo com as demandas da sociedade em diferentes momentos históricos.

Sobre esta transição, Áries<sup>6</sup> (1981, p. 231) analisa a família medieval e moderna, suas mudanças e transformações desde a visão sobre a criança e a valorização da instituição familiar. Para tanto ressalta a relação entre a organização das famílias e organização da educação escolar:

A partir do século XV, as realidades e os sentimentos das famílias se transformaram: uma revolução profunda e lenta, mal percebida tanto pelos contemporâneos como pelos historiadores, e difícil de reconhecer. E, no entanto, o fato essencial é bastante evidente: a extensão da frequência escolar.

O que antes era ensinado junto aos adultos, onde as crianças em meio aos seus sete anos saíam de suas casas para aprender ofícios com outras famílias e suas famílias recebiam outras crianças para lhes ensinarem, com o tempo foi sendo substituído pelo trabalho da escola.

Esta mudança provocou transformações significativas no convívio familiar, como a convivência da criança com a própria família, a aproximação da família com a criança e com a infância. Neste contexto observamos uma valorização maior da criança e da sua educação que também gerou demandas escolares, obrigando a mesma a repensar sua função. Sobre esta questão afirma Áries (1981, p. 232): “A

substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança”.

Este processo não foi rapidamente generalizado, ao contrário, foi algo lento, e que não afetou uma grande parcela da população, que continuou a ser educada com o antigo método.

A idéia de formação da família nem sempre foi tão simples, e mesmo o sentimento em torno do sentido que a mesma tem para as pessoas nem sempre foi tão comum. Houve tempos em que o sentimento não era valorizado e muito menos o sentimento familiar se perpetuava nas relações entre homem e mulher, Áries (1981, p. 264) descreve essa relação afirmando que:

Mas de fato até o fim do século XVII, ninguém ficava sozinho. A densidade social proibia o isolamento e aqueles que conseguiam se fechar num quarto por algum tempo, eram vistos como figuras excepcionais: relações entre pares, relações entre pessoas da mesma condição, mas dependentes umas das outras, relações entre senhores e criados – estas relações de todas as horas e todos os dias jamais deixavam um homem sozinho. Essa sociabilidade durante muito tempo se havia oposto à formação do sentimento familiar, pois não havia intimidade.

No final do século XVI e durante o século XVII surge um novo sentimento de família que vem acompanhado de mudanças significativas em relação às crianças. Segundo Áries (1981, p. 270), neste período a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiados os cuidados com as mesmas a estranhos.

Essa volta das crianças ao lar foi um grande acontecimento: ela deu à família do século XVII sua principal característica, que a distinguiu das famílias medievais. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida cotidiana e os adultos passaram a se preocupar com a sua educação, carreira e futuro.

Por volta do século XVII e XVIII, começa a se delinear um modelo denominado por alguns autores, como por exemplo, Áries, como família nuclear burguesa. Neste modelo, a família é composta por pai, mãe e filhos, na qual cada indivíduo possui um determinado papel no núcleo familiar. O papel do pai é vinculado ao sustento da família, portanto à necessidade de trabalhar, o da mãe, ao cuidado do lar, dos filhos e do esposo.

Com referência a esse modelo, Romanelli<sup>7</sup> (2002, p. 75) caracteriza a família nuclear como uma estrutura hierarquizada, na qual o pai exerce autoridade sobre a esposa e os filhos, a divisão dos papéis sociais ligados ao trabalho tem uma definição bastante rígida e, em relação ao vínculo afetivo entre pais e filhos tem-se a marca da proximidade entre a mãe e os filhos e filhas.

De acordo com Szymanski<sup>8</sup> (2002, p.24), o modelo de família nuclear começa a se delinear com o surgimento da escola, enfatizando a privacidade, a preocupação com a igualdade entre os filhos e da idéia de manter as crianças junto aos pais. É quando também o sentido e sentimento de família passam a ser valorizados pelas instituições sociais, especialmente a escola e a igreja.

Quanto à organização escolar da forma como conhecemos hoje tem origem e se espelha no período que precede a Revolução Industrial, meados do século XVIII. Com o advento do capitalismo industrial, muitas mudanças são impostas em relação à organização da família, da sociedade, da escola e do trabalho.

A partir deste contexto muitas coisas mudaram inclusive o papel da social da mulher que passou do trabalho doméstico para o trabalho nas fábricas, o que significou muito para a estrutura familiar do proletariado. Neste contexto, os filhos passam a serem cuidados por outras pessoas e o sustento familiar deixou de ser obrigação exclusiva do homem conforme afirma Engels ao analisar o papel da mulher no trabalho fabril:

Sobretudo depois que a grande indústria arrancou a mulher de casa para lançá-la no mercado de trabalho e nas fabricas, transformado-a frequentemente no sustentáculo da família, foi anulado qualquer fundamento para os últimos resquícios da supremacia do homem no lar do proletariado [...] (apud BRANDÃO, 1981).

Esse modelo de família começa a ganhar um destaque positivo na sociedade afirmado pelas instituições como igrejas e escolas, tanto que a sociedade começa a aceitar esse modelo como o padrão “mais perfeito” de organização familiar, no qual os membros da família são recompensados pelo desempenho dos seus respectivos papéis.

A essa família são atribuídas funções, cujo desempenho permitiria proporcionar aos seus integrantes um saudável convívio familiar e social. Essas funções, segundo Osório (1996), são de ordens biológicas, psicológica e social.

A função biológica se refere à garantia da sobrevivência dos novos seres responsáveis não só pela reprodução, mas também, pela sobrevivência da espécie, fornecendo cuidados especiais aos recém-nascidos.

A função psicossocial diz respeito ao afeto, considerando este indispensável à sobrevivência emocional, que inspira confiança à criança e garante o seu bem estar.

A função social se refere a transmissão da cultura, que prepara o convívio social e para o exercício da cidadania. Para Osório (1996), a família também deve proporcionar o crescimento individual e a diferenciação em seu meio, preparando seus membros para atender as exigências da realidade que favoreçam o convívio social. Os filhos devem estar preparados para freqüentar escolas, estabelecer amizades fora do meio familiar, ter capacidade para executar um trabalho e formar uma nova família.

Estas são algumas das atribuições da família, possibilitando, assim, o relacionamento com pessoas de classe social, cultural, religiosa e com modos de viver semelhantes ou diferentes do seu.

Esse modelo de família nuclear burguesa se apresentou durante muito tempo como a organização familiar ideal, uma vez que, seguindo-o, os membros do grupo familiar teriam maiores possibilidades de se desenvolver de forma saudável tanto no aspecto físico quanto emocional e principalmente econômico, pois, com a família composta pelo pai provedor, a mãe que cuida dos filhos fica uma relação de dependências diminuindo assim a obrigação do estado para com cada indivíduo, diminuindo assim suas responsabilidades e gastos.

No entanto, essa imagem sofreu muitas críticas, como afirma Szymanski (2002, p. 25):

Supõe-se ou aceita-se, irrefletidamente, um modelo imposto pelo discurso das instituições, da mídia e até mesmo de profissionais, que é apresentado, não só como o jeito “certo” de se viver em família, mas também como um valor. Isto é, indiretamente, é transmitido e captado, o discurso implícito de incompetência e de inferioridade, referindo-se aqueles que não “conseguem” viver de acordo com o modelo.

Outra crítica a esse modelo é apresentada por Carvalho<sup>9</sup> (2002, p. 15), ao afirmar que:

As expectativas em relação à família estão, no imaginário coletivo, ainda impregnada de idealizações, das quais a chamada família nuclear é mais dos símbolos. A maior expectativa é de que ela produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de idealidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida de seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem. No entanto, estas expectativas são possibilidades e não garantias. A família vive num dado contexto que pode ser fortalecedor ou esfacelador de suas possibilidades e potencialidades.

O fato é que esse modelo burguês de família, assim como a tradicional composição de pai, mãe e filhos têm sofrido, nas últimas décadas, profundas alterações. Os homens apesar de trabalharem muito não recebem o suficiente para propiciar a sua família condições básicas de sobrevivência. Com isso, as mulheres começam a trabalhar fora de casa para completar a renda familiar e muitas se tornam chefes de família, função que, de acordo com o modelo nuclear tradicional, deveria ser atribuída ao homem.

Segundo Lopes<sup>10</sup> (1994, p. 5), além do empobrecimento, outras mudanças sociais tem afetado o padrão de família nuclear:

O desemprego, a imposição de padrões comportamentais difundidos nas novas relações de consumo de massa, a proliferação das condições que caracterizam o (des)envolvimento (de) com vícios os mais variados, a violência, o alcoolismo, e outras tantas questões que se acumulam em torno às crises vividas pela sociedade, tem sido pesquisados e interpretados como problemas que afetam as relações de parentesco caracterizadoras da imagem da família nuclear, chegando a causar o rompimento delas.

Assim, as famílias vão se organizando e reorganizando conforme as suas necessidades, as situações vividas e os sentimentos, formando diferentes organizações. De acordo com Jose Filho<sup>11</sup> (2002, p. 32), estas organizações são constituídas da seguinte maneira:

- Famílias com base em uniões livres;
- Famílias monoparentais, dirigida só pela mulher ou só pelo homem;
- Família de divorciados gerando novas uniões;
- Famílias constituídas por relacionamentos homossexuais;
- Famílias de mães adolescentes solteiras que assumem seus filhos sozinhas;

- Famílias de mulheres que decidem ter filhos através de “produção” independente, sem companheiro estável;
- Famílias de homens que decidem ter seus filhos sozinhos sem a presença feminina (as chamadas barrigas de aluguel).

Independente dessa nova configuração entendemos que a instituição família não perde as funções antes mencionadas, já que continua sendo seu atributo a responsabilidade por contribuir no desenvolvimento afetivo, econômico e social de seus membros.

Nesse sentido, conforme Szymanski (2002), a família poderia ser definida como uma associação de pessoas unidas pela relação afetiva, assumindo, assim, um compromisso de cuidado mútuo. Portanto, família traz o significado de pessoas que sentem carinho recíproco e, por esse motivo, se unem para se cuidarem.

Podemos identificar hoje muitos problemas familiares e escolares na vida da criança, do jovem e do adulto, onde é possível perceber a dificuldade da família de garantir o bem estar de seus membros.

São vários os fatores que impossibilitam o bem estar e a boa convivência familiar, que de certa forma se reflete na escola, dificultando a boa convivência e o desempenho do estudante na escola.



## CAPÍTULO 2

### CONJUNTURA DE CONSTITUIÇÃO DA EJA: FAMÍLIA, TRABALHO E ESCOLA.

Se a educação sozinha não transforma a  
sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.  
**Paulo Freire, 2000.**

Segundo Xavier (2003), no mundo ocidental, a preocupação com a educação do adulto tem origem nas ações em torno do combate ao analfabetismo, um fenômeno evidente após a Revolução Industrial em meados do século XVIII.

No período que segue as diferentes nações começam a organizar os seus respectivos sistemas de ensino exigindo que o estado moderno assuma a responsabilidade com a educação escolar.

Com a passagem do feudalismo para o capitalismo, da vida agrária para a urbana, o se queria era o desenvolvimento econômico. Evidencia-se então um ideal de educação pensado pelo liberalismo, onde se exigia uma escola voltada para o crescimento econômico.

Nas sociedades antigas e agrárias, onde as pessoas eram em sua maioria iletradas e o trabalho girava em torno da terra, não havia exigência de que os trabalhadores fossem alfabetizados. O acesso à educação escolar era privilegio da nobreza, da aristocracia e do clero, portanto era algo que não fazia parte do contexto de vida dos trabalhadores.

Portanto o advento do capitalismo acarretou mudanças em diferentes áreas da vida social inclusive na organização das famílias, do trabalho e da escola. Neste sentido, objetivamos neste segundo capítulo analisar a conjuntura de constituição da EJA a fim de identificar o papel da família no processo de escolarização dos estudantes que procuram esta modalidade de ensino.

## 2.1 NO CONTEXTO MUNDIAL

Segundo Xavier (2003) a idéia de combater o analfabetismo surgiu na sociedade moderna, período marcado por grandes transformações e acontecimentos que mudaram a história da humanidade e a forma de pensar dos homens e mulheres, servindo de base para a construção do liberalismo.

A partir de 1750, o analfabetismo é evidenciado como um fenômeno negativo, pois com a Revolução Industrial, a Europa agrária foi se tornando uma região com cidades populosas e industrializadas, trazendo assim homens e mulheres trabalhadores com suas respectivas famílias do campo para a cidade.

O trabalho na cidade organizava-se sob a lógica do meio de produção capitalista industrial e passou a exigir que os trabalhadores se especializassem. O estado moderno então começa em toda a Europa um processo de organização dos seus respectivos sistemas.

O ideal de educação pensado nesta época era voltado para o desenvolvimento econômico, portanto começa a organização de uma escola com os moldes da empresa, a qual os trabalhadores e suas respectivas famílias tinham que se adaptar.

No final do século XVIII e durante o século XIX, observa-se, em todo o mundo ocidental, a formação dos sistemas de ensino, com a bandeira da escolarização universal, gratuita, obrigatória e laica.

Os trabalhadores que até este momento eram na sua maioria analfabetos começam a ser vistos como incapaz, e a escola passa a organizar-se para qualificar estas pessoas e fazer delas pessoas úteis para o Estado.

No século XIX, a educação na França e em outros países europeus caracteriza-se pelo crescimento contínuo de conhecimentos de cunho cultural e humano, produzindo, após muitas tentativas, o restabelecimento de todas as disciplinas exigidas pela evolução humana. Por meio de um ensino concebido como um direito de todos e como um dever para o Estado e das famílias, teve de fato a sua realização, apenas na Terceira República.

Evidenciamos, pois as contradições da lógica do capitalismo que exigia dos trabalhadores a escolarização, mas não viabilizava as condições para tal. Por um lado exigia-se que as famílias dos trabalhadores assumissem a responsabilidade

com a educação dos seus filhos, por outro lado elas eram obrigadas a cumprir longas jornadas de trabalho, com um salário que não permitia atender as necessidades básicas destas famílias, a ponto de terem que contar com o trabalho das crianças.

O fato é que vieram as guerras com suas respectivas atrocidades, deixando a humanidade perplexa quanto aos estragos que os próprios humanos podiam causar em seus pares. O resultado foi uma Europa devastada tendo que repensar suas formas de organização social.

Segundo Xavier (2003) no final da Segunda Guerra Mundial em 1945 evidencia-se por parte de diferentes países uma preocupação com a educação escolar. Acreditava-se que era possível reconstruir as nações devastadas investindo em educação. Com a criação da ONU neste período, a UNESCO toma para si a responsabilidade em debater e propagar a educação para a paz organizando diferentes eventos voltados para diferentes demandas sociais, entre elas a educação dos adultos.

Para tanto, tem realizado as Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFINTEAs) que se efetivam a mais ou menos cada dez anos, já na sua sexta edição realizada aqui no Brasil em dezembro de 2009. Estas conferências buscam debater os problemas das nações industrializados, tendo como objetivo contribuir para o respeito aos direitos humanos e a construção de uma paz duradoura, desenvolvimento e qualificação da educação.

## 2.2 NO CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Já no Brasil, evidenciamos ainda no período colonial certa preocupação com a educação dos adultos, contudo como objetivo de catequizar os índios a fim de dominá-los.

Segundo Xavier (2003), como a economia nesta época era agrária e o trabalho era escravo, a mentalidade que se tinha era de que não precisávamos de escolas, pois para trabalhar no campo não necessitava de qualificação.

A organização das famílias nesta época era distinta, pois era formada pela mistura da cultura negra, branca e indígena. Contudo o que prevaleceu, pelo menos

no que costumamos chamar de oficial, foi o modelo de família da metrópole, portanto europeia, branca e rica.

Aos pobres e índios se ensinava a catequese, aos trabalhadores negros não se atribuía a idéia de educação, pois eram concebidos pelos colonizadores como criaturas sem alma e sem capacidade de aprender as letras.

Neste contexto a educação escolar era chamada de instrução e voltava-se para as crianças das famílias da elite dominante colonial, situação que mesmo com algumas poucas iniciativas se estendeu até a República.

Segundo Xavier (2003) foi nos anos de 1920 na Velha República com o início do advento da industrialização e da urbanização que se consolida nos anos de 1930 no governo de Vargas, que vivenciamos que a forma de pensar da sociedade brasileira começa a mudar.

Em meio as transformações trazidas pelo modelo econômico urbano industrial, as famílias saem do campo para buscar trabalho nas cidades que crescia em volta dos pólos industriais.

Neste contexto a educação escolar é concebida como indispensável para a formação do trabalhador. A reivindicação era de que o estado ofertasse escola pública, laica e gratuita para a população. Exigia-se então das famílias brasileiras que se responsabilizem com a educação dos seus filhos, que mandem seus filhos para a escola para serem educados.

O analfabetismo que até então era visto como natural passa a ser evidenciado como fenômeno que precisava ser combatido, por isso cobrava-se das famílias a responsabilidade de encaminhar seus filhos para a escola. Contraditoriamente a maioria das famílias brasileiras era pobre e precisava trabalhar muito, necessitando inclusive do trabalho dos seus filhos para compor a renda da família.

Ainda na Velha República evidenciamos certa preocupação com a alfabetização e escolarização tanto das crianças quanto dos adultos das famílias dos trabalhos. Neste caso as iniciativas foram dos de alguns trabalhadores influenciados pelos movimentos operário europeu anarquista, comunista e socialista que vieram para o Brasil fugidos da guerra.

À partir de então a história da EJA se constituiu pela tensão entre os interesses políticos e ideológicos do estado brasileiro, os interesses teóricos e metodológicos dos educadores e as reivindicações das famílias dos trabalhadores.

Segundo Xavier (2003), a década de 1940 se destaca por algumas iniciativas em prol da educação dos adultos, especialmente daqueles oriundos das famílias dos trabalhadores. Entre estas iniciativas evidenciamos os Movimentos de Educação Popular, a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FINEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA); a realização do I Congresso Nacional de Educação de Adultos e do Seminário Internacional de Educação de Adultos.

Na década de 1950 os trabalhos dos movimentos de Educação Popular buscavam conscientizar as classes populares da condição de exploração a que se encontravam. Evidenciamos no final da década as propostas de Paulo Freire que demarcaram uma revolução no conceito de Educação de Adultos, propondo a responsabilidade social e política com os trabalhadores e suas respectivas famílias, o respeito ao conhecimento do trabalhador.

As décadas de 1960 e 1970 são marcadas por acontecimentos importantes voltados para a educação do adulto. Neste contexto, o pensamento e as propostas de Freire inspiraram os principais programas de alfabetização do país em 1964 é aprovado o Plano Nacional de Alfabetização.

No entanto o Golpe Militar interrompeu os programas de alfabetização e as propostas freireanas, inclusive reprimindo, prendendo e matando muitos trabalhadores e em muitos casos suas respectivas famílias.

Estas passaram a conviver com o medo e foram obrigadas a se organizar sob a lógica de um estado ditador, que não aceitava reivindicação de nenhuma ordem, passando a punir aquele que atentasse contra a ordem estabelecida. Das famílias, o estado exige trabalho e obediência.

Para alfabetizar o adulto foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização, (MOBRAL) e a escolarização do trabalhador era efetivada pelo Sistema de Ensino Supletivo (SES).

Com o final da ditadura militar começa o processo de abertura política e no contexto das décadas de 1980 e 1990 evidenciamos iniciativas significativas na área da educação inclusive da educação dos adultos.

A Constituição de 1988 garantia a extensão da obrigatoriedade da Educação Básica para jovens e adultos e declara também a década da alfabetização.

Com a aprovação da LDBEN 9394/96 esperava-se do Estado uma responsabilidade maior com a EJA, no entanto, apesar de dedicar uma Seção para esta modalidade de ensino, o faz apenas com a garantia dos exames de suplência. Assim nos art. 37 art. 38 reconhece a EJA como modalidade da Educação Básica de responsabilidade do estado e das famílias.

Neste contexto as famílias dos trabalhadores brasileiros ainda precisam trabalhar muito, com jornadas longas de trabalho e com um salário que não dá conta de atender suas necessidades básicas. O mesmo estado que através do texto da lei exige que as famílias brasileiras se responsabilizem com a educação escolar dos seus filhos, contraditoriamente não possibilita as condições para que estas famílias efetivem seu dever.

A educação escolar que no texto da lei é garantida como direito, na prática, para as famílias da maioria dos trabalhadores brasileiros se torna algo muito distante, e algumas vezes até um tormento, em função da cultura escolar que se sustenta em um modelo de família ideal, longe de acolher a cultura e a realidade das famílias que mais precisam dela.

Também pelas circunstâncias que se encontram estas famílias, pois muitas ainda precisam trabalhar muito para conseguir atender suas necessidades básicas, inviabilizando o acesso e a permanência das crianças na escola.

Atualmente esta condição tem se agravado visto que a violência e as drogas se constituem como parte da cultura das famílias empobrecidas. A falta de política que garanta trabalho e salário digno é evidente o que tem levado muitas famílias inclusive as crianças a buscarem alternativas que atentam contra a vida e a dignidade humana e passa longe da educação escolar.

Por outro lado o estado brasileiro está cada vez mais ausente e quando se faz presente no contexto destas famílias é por meio de programas assistencialistas como o “Vale Gás”, “Bolsa Escola” e tantos outros que obrigam as famílias a comprovarem sua desgraça para conseguirem receber estes recursos.

### 2.3 FAMÍLIA, TRABALHO E ESCOLA: CONSTITUINTES IDENTITÁRIOS DOS ESTUDANTES DA EJA

Compreender a conjuntura de constituição da EJA implica em conhecer o processo de constituição da identidade dos estudantes desta modalidade de ensino, marcada, sobretudo pelo aspecto negativo, pois são conhecidos e reconhecidos por serem analfabetos e não escolarizados.

Segundo Xavier (2003), um dos fatores que determina tal identidade dos estudantes da EJA é o **deslocamento das famílias**, visto que a maioria dessas pessoas tem histórico de mudanças constantes que muitas vezes inviabilizam o acesso e a permanência na escola. Estes deslocamentos são de natureza regional, estadual e municipal, mas principalmente da zona rural para a urbana:

Os dados do INEP (2000) revelam que o fenômeno do analfabetismo tem, hoje, feições bastante matizadas, com forte concentração regional (Norte e Nordeste), espacial (zona rural e periferia dos grandes centros urbanos) e geracional (população com mais de 30 anos) (XAVIER, 2003, p.126).

São famílias que se deslocam em busca de melhores condições de vida, em busca de um trabalho que garanta sua sobrevivência, conforme afirma Lewin (1990 appud XAVIER, 2003, p. 130):

[...] o analfabeto é o portador de uma identidade deteriorada, decorrente da discriminação que sobre ele exerce a sociedade na qual vive, que, sendo letrada, cria o analfabeto como tipo social e, simultaneamente o estigmatiza socialmente, gerando uma relação conflitual e contraditória entre o analfabeto e o alfabetizado.

Xavier (2003) constata que o deslocamento das famílias na sua maioria, são motivados pelo **trabalho**, pois muitos estudantes da EJA não freqüentaram a escola quando ainda eram criança porque precisavam trabalhar para ajudar suas respectivas famílias. Por outro lado depois de adultos e de constituírem suas próprias famílias ainda precisam trabalhar muito inviabilizando o acesso e a permanência na escola.

O sentido do trabalho tem relação com a própria existência humana conforme afirma Xavier (2003 p. 132):

[...] o trabalho é uma das mediações fundamentais da existência humana. Configura-se como uma necessidade básica da razão de existir dos homens e mulheres. E por isso, as atividades que as pessoas desencadeiam para produzir sua existência concreta, são determinantes para configurar sua maneira de ser e a construção da sua própria identidade. As atividades praticas de trabalho, sejam elas, escolhidas ou impostas, possibilitam aos homens e mulheres construir sua própria razão de ser especificamente humano.

Xavier (2003) explica que a condição de deslocamento e trabalho, enquanto constituintes da identidade dos estudantes da EJA tem relação com a questão da família. Estas pessoas são identificadas como indivíduos que compõem o segmento populacional que não teve oportunidade de estudar, ou que não pode frequentar a escola, ou que não foi estimulado a se instruir na chamada idade escolar.

Por outro lado a escola da maneira como está organizada reproduz uma cultura a partir dos valores da classe dominante. Os estudantes da EJA oriundos das classes populares são detentores de uma cultura oral, por isso não se identificam com a cultura letrada da escola. A questão central consiste no fato de que a escola para ensinar seus saberes acaba desconsiderando, reprimindo, dissimulando ou negando a cultura popular, inclusive quanto ao ideal de família.

A escola brasileira ainda segue a idéia burguesa de família entendendo como padrão de normalidade a família nuclear formada por pai que trabalha o suficiente para manter seus filhos na escola e uma mãe com tempo suficiente para acompanhar os estudos dos seus filhos.

A EJA é parte da historia do mundo, da historia da sociedade brasileira, da história do povo brasileira que é descendente de índio, negro e europeu. A EJA é a historia das famílias do povo trabalhador, que veio se desenvolvendo e crescendo a partir dos desafios impostos pela vida.

Muitos são os fatores que fizeram os estudantes da EJA não irem para a escola, saírem dela ou depois de adultos virem a procurar novamente os estudos, no entanto essa idéia de culpabilizar as famílias é ideológica e perversa. No caso da EJA a questão não é de culpa, mas de entender que as famílias dos estudantes precisam trabalhar e por isso precisam que a escola e o estado acolham esta realidade de maneira que a educação escolar como direito do cidadão, possa ser garantida como responsabilidade não só da família mas sobretudo do estado.



### CAPITULO 3

## EDUCAÇÃO E FAMÍLIA NO CONTEXTO DA ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS

A alfabetização, por exemplo, numa área de miséria só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psico-análise histórico-político-social de que vá resultando a extorção da culpa indevida. A isto corresponde a “expulsão” do opressor de “dentro” do oprimido, precisa de ser substituída por sua autonomia e sua responsabilidade.  
**Paulo Freire, 2000.**

Paulo Freire parte do princípio de que vivemos em uma sociedade dividida em classes, na qual os privilégios de uns impedem a maioria de usufruir os bens produzidos. Ele afirma que a vocação humana de ser mais é negada na injustiça, na exploração, na opressão e na violência dos opressores. A vocação de ser mais só se concretiza pelo acesso aos bens culturais, inclusive a educação escolar, é pois afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos e de suas famílias pela recuperação de sua humanidade roubada.

Freire se interessou pelo tema da EJA especialmente porque ele vivenciou os mesmos desafios vivenciados pelos estudantes da EJA. Nasceu em uma família de classe média de Pernambuco, no entanto vivenciou dificuldade, fome e pobreza quando seu pai morreu e ele teve que se deslocar para outra cidade com sua mãe e irmãos em busca de melhores condições de vida e trabalho. Na fase adulta também vivenciou o deslocamento juntamente com mulher e filhos em função do exílio.

A EJA foi pensada para atender pessoas que não tiveram oportunidade de estudar ou de concluir os estudos. Os motivos são muitos, entre eles está a pobreza das famílias, a falta de condições financeiras, a necessidade de trabalhar muito, ainda muito cedo e por muito tempo, a cultura e organização rígida da escola que não considera a realidade destas famílias e acaba expulsando os estudantes.

Os motivos que levam estas pessoas a voltarem para a escola depois de adultos também são muitos. Vai da vontade de aprender mais e recuperar o tempo perdido, à necessidade de se ocupar com alguma coisa, de ler a Bíblia, de escrever

uma carta, de ajudar os filhos e netos na escola. No entanto o principal motivo tem relação com a necessidade que as famílias dos estudantes da EJA têm de continuar trabalhando ou arrumar um emprego melhor.

Nesta perspectiva, objetivamos neste terceiro capítulo analisar a realidade dos estudantes da EJA do Ensino Médio da Escola do Serviço Social do Comércio (SESC) de Londrina a fim de identificar a constituição de suas respectivas famílias e principalmente a influência destas no desenvolvimento escolar destes estudantes.

### 3.1 A ESCOLA SESC

Segundo Xavier (2010), o SESC foi criado no Brasil no ano de 1946, após a segunda Guerra Mundial, em um período em que o país passava pela idéia de redemocratização, que se constituíam várias forças políticas e sociais emergentes que procuravam ocupar o espaço de liberdade que os novos tempos traziam. No entanto a realidade brasileira revelava um país pobre, atrasado e com fortes conflitos sociais.

Para atender reivindicações dos trabalhadores e ao mesmo tempo atender as novas demandas provenientes das relações entre capital e trabalho, as lideranças empresariais do comércio, indústria e agricultura reuniram-se na cidade de Teresópolis na Primeira Conferência das Classes Produtoras – I CONCLAP e aprovaram a Carta da Paz Social que deu forma à filosofia e ao conceito de serviço social custeado pelo empresariado.

A proposta foi submetida ao Governo Federal e no mesmo ano no dia 13 de setembro, o Presidente Eurico Gaspar Dutra assinou o Decreto-Lei nº 9.853 que autorizou a Confederação Nacional do Comércio a criar o SESC.

Hoje, o SESC está presente em todas as capitais do Brasil e em cidades de pequeno e médio porte prestando serviço aos trabalhadores do comércio de bens e serviços e à comunidade em geral como Creche, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Pré-vestibular, Medicina Preventiva e de Apoio, Odontologia, Nutrição, Cinema, Teatro, Música, Artes Plásticas, Dança, Artesanato, Biblioteca, Esporte, Ação Comunitária e Assistência Especializada.

Na cidade de Londrina o SESC nasceu em um sobradinho e só em 1980 recebeu um prédio com estrutura para realização de suas atividades. Seus primeiros cursos eram voltados para a culinária e o cabeleireiro, porém hoje já oferece cursos nas mais diversas áreas. A área de educação foi organizada por uma ex funcionária que não pode estudar quando criança e encarou como um compromisso social e pessoal.

### 3.2 OS ESTUDANTES E SUAS FAMÍLIAS...

No contexto do SESC, entrevistamos duas turmas de estudantes do Ensino, uma turma de primeiro ano e uma do segundo ano. Estes estudantes têm idade entre 18 e 45 anos, com uma maior porcentagem de jovens pertencentes à classe baixa, pois são filhos de trabalhadores. Eles estudam à noite porque precisam trabalhar o dia todo, alguns são casados, alguns têm filhos, outros são bem jovens, freqüentaram a escola, mas reprovaram e por isso estão fazendo o supletivo.

Questionamos os estudantes a respeito de como era a sua família quando estes ainda eram crianças, e eles responderam:

Meus pais são separados então ficou a desejar na parte dos meus pais. (DRQ, 2010).

Morava eu, pai e mãe, não influenciaram por motivos de separação. (IS, 2010).

Meus pais viviam discutindo e se separaram várias vezes. Não me lembro de ter algum momento bom com minha família. Meu pai vivia falando para eu estudar para poder arrumar emprego mais minha mãe nunca ligou para nada disso. Meus pais moram em lugares diferentes, eu moro com o meu pai mais nem converso com ele. Às vezes quando tentamos conversa sempre acabamos discutindo. Meu pai não queria que eu voltasse a estudar mais eu não ligo pra ele, pois eu tento achar as melhores escolhas para minha vida. (K, 2010).

Fui abandonada pela mãe, meu pai faleceu aos meus 8 anos de idade, fui criada pela minha avó. A desunião da família influenciava no meu desempenho escolar. (OVSS, 2010).

Constatamos que problemas como separação ou morte dos pais constitui para estas pessoas uma perda que interferiu no seu desenvolvimento escolar, no

entanto para a maioria dos estudantes da EJA as questões relacionadas à família e escola têm razão de ser na condição de trabalhadores.

Quando perguntamos à RF a cerca da sua família ela respondeu que era uma família normal, constituída de pai mãe e filhos, enfatizando contudo a necessidade de ficar na creche pelo fato de seus pais terem que trabalhar. Quando perguntamos a cerca da influencia nos estudos ela relatou que eles compravam o material e diziam que era importante:

Normal. Dois irmãos. Minha mãe e meu pai trabalhavam e eu e minha irmã ficávamos na creche. Compravam materiais e diziam que era necessário. (RF, 2010)

Não sei, porque minha mãe trabalhava e meu pai também. Quase nunca tinham tempo para irem as reuniões da escola, mas nunca precisaram me cobrar porque eu sempre soube das minhas obrigações. (MCSB, 2010).

Quando era criança tinha bastante convivência com parentes, brincava bastante, mas muito pouco com os meus pais que trabalhavam muito. (AL, 2010).

Sempre muito trabalho e pouco dialogo porque na época a primeira opção era trabalho. Eles também me pediram para continuar os estudos para ter melhor opção no mercado de trabalho. (M, 2010).

.Minha família era de classe humilde, meu pai era empregado, minha mãe trabalhava em casa, meus pais valorizavam a educação, disciplina e religião. (IS, 2010).

Minha mãe era mais presente que meu pai, mais foi normal. (JMS 2010).

Incentivam, mas tive que parar cedo de estudar para trabalhar, pois perdi meus pais cedo, não recebi nenhuma pensão e nem parente para me ajudar e tive que me virar. (NSB, 2010).

Era muito ausente. Não incentivaram porque eles também não tiveram estudo. Não sabem ler nem escrever. (GRG, 2010).

Eram ausentes. Não paravam em casa só no trabalho (G, 2010).

Conservadora. Pai trabalha mãe cuida das crianças. (TJL, 2010).

Sempre morei com a minha mãe e irmãos. Tive que trabalhar desde cedo, para ajudar os meus pais em casa. (M, 2010).

A questão dos estudantes da EJA em relação às suas famílias diz respeito ao fato destas precisarem trabalhar para sobrevivência e por isso não puderam encaminhar seus filhos para a escola.

Muitos estudantes declaram que pararam os estudos pela necessidade de trabalhar para ajudar os pais e depois de adultos, muitas vezes não podem estudar porque precisam trabalhar muito para sustentar a família, no entanto voltam para a escola pela necessidade de qualificação para o mercado de trabalho.

Questionamos os estudantes a respeito de como é a sua família hoje e eles falaram das mesmas com muita satisfação. No entanto alguns se apoiaram no ideal de família nuclear conforme relatos:

Uma família normal, pai, mãe e dois irmãos. Morávamos no sítio e éramos muito felizes. (JS, 2010)

Bem, um sempre ajudando o outro. Minha mãe, meu pai, minha irmã, continuamos bem unidos, só que hoje só mora eu e meus pais. (RRLS).

Eles eram atenciosos carinhosos e até hoje são. Me influenciam a estudar. São pessoas maravilhosas na minha vida até hoje. (WP, 2010).

Muito pobre, meu pai sofreu um acidente ficou mais de um ano internado, em Curitiba, não foi nada fácil a minha infância, mas tive muito amor. (EG, 2010).

Muito atencioso brincalhão sempre amigos. (RA, 2010).

Meu pai muito rígido e bravo, minha mãe evangélica e calma, eu e mais cinco irmãos. Comecei a estudar aos 8 anos e parei ao 17 anos. (LAC, 2010).

Uma família grande de sete irmãos com três irmãos e três irmãs. Éramos bem unidos e felizes. Todos nós fomos criados na fazenda do meu pai. Graças a Deus fomos criados sem nenhum vício e continuamos assim até hoje. Minha mãe me casou muito cedo, e meu ex-marido não deixou continuar os estudos. Tenho duas filhas e um neto. Vivemos muito unidos com minha família principalmente, com os genros e filhas. (MLM, 2010).

Muitos estudantes relatam que precisam trabalhar muito para sustentar a família, e quando eram crianças precisaram parar de estudar para ajudar em casa, ou seja, o trabalho está presente como determinante na vida e na família em vários momentos, na ausência dos familiares e na necessidade de parar de estudar para sobreviverem.

Questionamos ainda os estudantes a respeito de terem sido incentivados pela família a estudar e eles responderam conforme depoimentos a seguir:

Não porque eles nunca estudaram. Hoje Simples e respeitada. (JS, 2010)

Sim, conversamos e dando vários conselhos tentando mostrar que o estudo é uma das coisas mais importantes para alguém que quer crescer na vida. (RRLS, 2010).

Sim, meu pai quando dava acompanhava. Só no ginásio foi mais difícil, pois tive que trabalhar, até mais tarde. Hoje sou casada minha família está muito bem. (EG, 2010)

Sim pois é muito importante para o nosso crescimento. Sim, meus filhos me ajudam quando não entendo os exercícios. (RA, 2010)

Sim eles deixaram de castigo eu apanhava para estudar, para ser alguém na vida. Não mudo muita coisa moro com os meus pais. (LAC, 2010)

Até que eles me incentivaram bastante. Não moro com meus pais devido a falta de afinidade, moro com minha irmã. (LAC, 2010).

Sim, minhas duas filhas e eu estamos realizando o meu sonho de criança. (MLM, 2010).

Percebemos que no contexto da EJA as questões com a família estão ligadas à necessidade de sobreviver, de trabalhar para sustentar a família. Muitos estudantes relatam que a família era ausente por causa do trabalho e alguns deles tiveram que trabalhar cedo para ajudar na renda familiar. Percebemos que apesar das famílias se interessar pelos estudos dos seus filhos e até desejarem que eles estudem falta de condições para estas no sentido de suprir as necessidades básicas.

No entanto entendemos também que a família não é uma instituição descolada da sociedade maior da qual é parte, por isso esta realidade se efetiva em função de um estado que não possibilita as condições necessárias para que as famílias consigam viver dignamente com o seu próprio trabalho. Pois o mesmo Estado que através da lei exige que as famílias brasileiras se responsabilizem com a educação escolar dos seus filhos, não possibilita as condições para que estas famílias efetivem seu dever.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa buscamos compreender a relação entre educação e família no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto falamos sobre as concepções de famílias desenvolvidas ao longo da história ocidental, bem como os diferentes modelos de família que encontramos na sociedade brasileira na atualidade, no sentido de analisar as implicações dessas estruturas na vida escolar dos estudantes desta modalidade de ensino.

Consideramos que os diferentes modelos de família que temos hoje, bem como a sua organização e função social, é fruto de diferentes transformações históricas. Enquanto instituição social a família é pensada e constituída na interação com as dimensões políticas, econômicas e culturais da sociedade na qual é parte integrante. Neste sentido analisamos a história da família a fim de identificar a sua importância no desenvolvimento escolar dos estudantes

Analisados também a educação, como sendo um fenômeno que acontece em todos os momentos e em todos os lugares, podendo ser formal, não-formal ou informal, buscamos também compreender a história da formação da EJA, conhecendo um pouco do seu trajeto até se tornar como nós a conhecemos hoje. E por final aplicamos os questionários, as entrevistas e observações na instituição do SESC. Constatamos que o advento do capitalismo acarretou mudanças em diferentes áreas da vida social inclusive na organização das famílias, do trabalho e da escola.

Os resultados dos questionários apontaram como principal problema das famílias não é fato das famílias não serem mais nucleares, mas o fato da família não ter tempo para seus filhos devido a necessidade do trabalho para o sustento dos mesmos, houve também o fator da separação como um dos problemas que influenciam na vida escolar dos indivíduos, mas não tão significativo como o fator trabalho, que se torna algo predominante na vida dos alunos da EJA, pois sofrem com a falta de tempo dos pais por causa do trabalho, logo depois vários deles declaram que pararam os estudos pela necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, no entanto voltam para as salas de aulas pela necessidade de qualificação para o mercado de trabalho.

Deparamos-nos então com a situação da família ausente pelo fato de terem que trabalhar muito, e o fato do governo não dar condições necessária para que as famílias consigam viver dignamente em seu trabalho e em sua família. Pois o mesmo Estado que através da lei exige que as famílias brasileiras se responsabilizem com a educação escolar dos seus filhos, não possibilita as condições para que estas famílias efetivem seu dever.

Desenvolver um trabalho que fale sobre a família e que estuda as suas relações e conflitos não foi algo tão fácil afinal é um assunto que faz pensarmos a cerca das nossas relações familiares e assim colocar um pouco da nossa realidade na pesquisa. No entanto com o desenvolvimento do trabalho foi possível enxergar novas formas e perspectivas a cerca de relações familiares e de como as famílias são formadas e organizadas, não vendo apenas como nos é imposto pela sociedade, como sendo o correto o modelo familiar burguês, não que eu não acho importante que os pais tenham uma união na criação de seus filhos e se possível juntos, mas pude perceber que independente de como essa família esta sendo organizado, o que importa é se esta havendo um interesse de seus familiares, em compreender as necessidades da criança, não apenas econômico, mas também o afetivo, o psicológico, e na educação em casa que é muito importante, pois como cita Bandão 1981, em que fala sobre o fato de não existir apenas uma forma de educação, e como a educação familiar faz parte da educação dos sujeitos.

Neste caso o educador e o pedagogo têm um grande papel na inclusão das crianças no contexto escolar, independente da constituição familiar. Estes profissionais também têm o compromisso de amenizar os traumas que muitas vezes é causado na própria escola por estudantes e educadores que não sabem agir frente às mudanças das estruturas familiares e necessidade da classe trabalhadora.

Nos deparamos então com a necessidade das instituições formadoras de docentes, proporcionar uma maior formação e compreensão a cerca da dinâmica da família, para que possamos compreender a sua dinâmica e assim desenvolver melhor o nosso papel visando o bem estar dos estudantes, que creio que seja o nosso principal foco para que eles possam aprender o temos para eles.



## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação. In: SIMSON, O. R. M. V; PARK, M.; ERNANDES, R. S. (Org.). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas: Unicamp, 2001. p. 29-38.

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. O lugar da família na política social. In: \_\_\_\_\_. **A família contemporânea em debate**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-22.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

JOSE FILHO, Mario. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. Franca: UNESP, 2002.

LOPES, Jose Rogério. Das famílias "desestruturadas" às famílias "recombinadas": transição, intimidade e feminilidade. **Revista de Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 46, 1994.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

OSORIO, Luiz Carlos. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 73-88.

SZYMANSKI, Heloisa. Viver em família como experiência de cuidado mutuo, desafios de um mundo em mudança. **Revista de Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 71, p. 9-23, set. 2002.

XAVIER, Marcia Rejania Souza. **Comunicação conhecimento e docência: dimensões do processo de formação de educadores no contexto da educação de jovens e adultos**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação e religião: os entre lugares da educação de adultos na ação educativa do PEACE**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### Modelo de Questionário dos Estudantes da EJA

Questionário para levantamento de dados referentes à pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, do Departamento de Educação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina.

**Nome da pesquisa:**

Família e Educação no Contexto da Educação de Jovens e Adultos.

**Pesquisadora:** Daiane Rita Ribeiro

**Orientadora:** Profa. Dra. Márcia Rejania Souza Xavier

**Objetivo:** conhecer as relações que existem entre a instituição familiar e a educação a fim de problematizar em que termos a estrutura familiar dos estudantes desta modalidade de ensino interfere no desenvolvimento escolar dos mesmos. Conhecer a realidade das pessoas que procuram a escola de Educação de Jovens e Adultos.

**Nome** \_\_\_\_\_

Como era a sua família quando você era criança?

---

---

Sua família influenciou para você estudar quando você era criança? Como e Por que?

---

---

Que é e como é a sua família hoje?

---

---

Sua família influenciou para você voltar a estudar? Como e Por quê?

---

---

Sua família te ajuda nos estudos? Como?

---

## APÊNDICE B

Tabulação dos Dados dos Questionários dos Estudantes.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**Nome da Pesquisa:** Família e Educação no Contexto da Educação de Jovens e Adultos.

**Pesquisadora:** Daiane Rita Ribeiro

**Orientadora:** Profa. Dra. Márcia Rejania Souza Xavier.

**Objetivo:** conhecer as relações que existem entre a instituição familiar e a educação a fim de problematizar em que termos a estrutura familiar dos estudantes desta modalidade de ensino interfere no desenvolvimento escolar dos mesmos. Conhecer a realidade das pessoas que procuram a escola de Educação de Jovens e Adultos.

DADOS PESSOAIS	QUAL A RELAÇÃO DESTA REALIDADE VIVIDA PELOS ESTUDANTES DA EJA COM A FAMÍLIA?				
	Como era a sua família quando vc era criança?	Sua família influenciou para você estudar quando vc era criança? Como e Por que?	Como é a sua família hoje?	Sua família influenciou para você voltar a estudar? Como e Por que?	Sua família te ajuda nos estudos? Como?
Ademilson A Silva (AAS), Casado	Eu meu pai e minha mãe	Sim, me levando para a escola para que eu tivesse um futuro melhor.	Eu, minha esposa, minha irmã, minha mãe, todos unidos.	Não	Não
Rosângela Fernandes (RF) 2 filhos	Normal. Minha mãe e pai trabalhavam e eu e minha irmã ficávamos na creche.	Sim, compravam materiais e diziam que era necessário.	Tenho 2 filhos, e incentivo eles a estudar.	Meus filhos, correr atrás do prejuízo.	Mais ou menos é corrido para nós.

Ilda da S. Nascimento. (ISN) 54 anos	Era muito ruim era só castigo	Só quando era criança até saber ler e escrever já estava bom.	Hoje não tenho mas pai nem mãe, hoje estou a estudar.	Não eles não acharam importante por estar com 54 anos	Só a minha filha mais velha me orientando.
Fabiana Feliz de Mello) casada, 2 filhas.	(FFM Família unida de 9 irmãos, pai e mãe.	Sim e não, fui uma criança com vários problemas de saúde tive que interromper os estudos mais cedo.	Meu marido e 2 filhas	Sim minhas filhas, querem um futuro melhor para nos.	Sim, a pesquisar vários temas relacionado as matérias da escola.
Humberto Kaneko (HK)	Meu pais eram separados e morava com a minha mãe e mais 4 irmãos.	Sim	Alguns estão casados e moram fora.	Sim, porque nunca é tarde para estudar.	Não
Janice de Souza (JS)	Uma família normal, pai, mãe e dois irmãos. Morávamos no sitio e éramos muito felizes	Não porque eles nunca estudaram	Simple e respeitada.	Não. Não sei	Não nem toca no assunto.
Anderson de Lima (AL)	Quando era criança tinha bastante convivência com parentes, brincava bastante, mas muito pouco com os meus pais que trabalhavam muito.	Sim mas eu só queria fazer bagunça.	Ainda são iguais sempre trabalhando, é um hobby pra eles.	Não influenciou.	Não.
Geni R. Gambi (GG), casada com dois filhos	Era muito ausente.	Não porque eles também não tiveram estudo. Não sabem ler nem escrever.	Uma benção! Meu esposo e meus dois filhos.	Sim, porque me amam, e querem ver eu crescer e me realizar.	Sim, pois minha filha esta no 1º ano como eu e quando preciso de socorro peço pra ela.

André Luiz Rondanin (ALR)	Tinha menos integrante	Sim estudo é essencial!	Família Grande	Eu não parei de estudar.	Financeiramente.
Rayanne Rodrigues L dos Santos (RRLS)	Bem um sempre ajudando o outro.	Sim, conversamos e dando vários conselhos tentando mostrar que o estudo é uma das coisas mais importantes para alguém que quer crescer na vida.	Minha mãe, meu pai, minha irmã, continuamos bem unidos, só que hoje só mora eu e meus pais.	Sim, convençamos	Sim, nas atividades de casa.
Willian Pesarini (WP)	Eles eram atenciosos carinhosos e até hoje.	Me influenciam a estudar.	São pessoas maravilhosas na minha vida ate hoje.	Sim para realizar as coisas que o mundo nos oferece.	Sim em todas as matérias, e no meu dia a dia e hoje aprendo mais que ontem.
Gustavo	Ausente	Não parava em casa só no trabalho	Separados	Sim, para melhorar a vida.	Não, não sei.
Rafael Vinicius Ramos ( RVR)	Não me lembro	Sim	Eu, meus pais.	Sim, com dialogo porque eles sabem que vai nos ajudar no futuro.	Não.
Marcelo	Sempre morei com a minha mãe e irmãos.	Tive que trabalhar desde cedo, para ajudar os meus pais em casa.	Mãe e irmãos.	Não foi decisão para um futuro no amanha.	Não dependo de mim mesmo.
Danilo Ramos Quiroz (DRQ)	Meus pais são separados então ficou a desejar na parte dos meus pais.	Sim, porque o estudo e a base de uma sociedade digna.	Minha mãe, SR Oswaldo, e meus irmãos, somos unidos.	Sim para seguir caminhos diferentes.	Sim com conselhos.
Lucas Silvério Dias (LSD)	Muito unida e severa	Sim, não lembro, eu tinha sete anos, mas acho que e porque eles queria um futuro pra	Atordoada pela morte do meu irmão, e eu quase não fico em casa, apenas durmo lá.	Não, eles não ficaram sabendo quando voltei a estudar apenas alguns dias depois.	Não, meu pais são muito velhos, e eu quase não falo com eles.

		mim melhor que os deles.			
Edna Gomes (EG) casada	Muito pobre, meu pai sofreu um acidente ficou mais de um ano internado, em Curitiba, não foi nada fácil a minha infância, mas tive muito amor.	Sim, meu pai quando dava acompanhava, só no ginásio foi mais difícil, pois tive que trabalhar, até mais tarde.	Hoje sou casada minha família esta muito bem.	Sim pois é muito importante para o nosso crescimento.	Sim, meu filhos me ajudam quando não entendo os exercícios.
Karine	Meus pais viviam discutindo e se separaram varias vezes. Não me lembro de ter algum momento bom com minha família.	Meu pai vivia falando para eu estudar para poder arrumar emprego mais minha mãe nunca ligou para nada disso.	Meus pais moram em lugares diferentes, eu moro com o meu pai mais nem converso com ele. Às vezes quando tentamos conversa sempre acabamos discutindo.	Meu pai não queria que eu voltasse a estudar mais eu não ligo pra ele, pois eu tento achar as melhores escolhas para minha vida.	Não.
Soraia P. Santos (SPS)	A melhor família do mundo.	Sim para ser alguém no futuro.	Excelente.	Sim	Sim cuidando dos meus filhos.
Roger Antonio (RA)	Muito atencioso brincalhão sempre amigos.	Sim eles deixaram de castigo eu apanhava para estudar, para ser alguém na vida.	Não mudo muita coisa moro com os meus pais.	Não	Não.
Willian Pursi Mercer (WPM)	Era uma família normal.	Sim, porque sem estudos não tem futuro.	Meu pai, minha mãe e meu irmão.	Não parei	Não.
Ludmila Adriana de Bomfim (LAB) casada	Quase normal.	Não, sem estrutura meus pais não são alfabetizados. Sem noção de cultura, educação e etc.	Meu pai morreu, minha mãe se casou novamente, eu casei e estou terminando os estudos. EJA.	NÃO	Não.
Juliana Beth (JB)		Sim	Pai, mãe, e duas irmãs e		Não.

			tenho uma irmã de 21 que acha que tem 16 uma folgada não faz nada.		
Tiago Joson Lopes (TJL)	Conservadora, pai trabalha mãe cuida das crianças.	Sim mostrando como seria bom estudar.	Pai, mãe, irmã e eu.	Sim, me sustentando enquanto não estudava.	Não.
Lílian	Cresci com a minha avó e meus tios até os 11 anos, depois fui morar com os meus pais.	Sim minha tia que é professora.	Muitíssimo feliz mais unida como nunca.	Sim, porque é uma realização da minha vida.	Não.
Tatiane de Oliveira Franco (TOF)	Normal	Não muito, porque ninguém estudou.	Espetacular	Não	Não
Jéssica Dayani (JD)	A era gente boa	Para ser alguém na vida.	Meus pais, ótimo.	Sim, e porque eu me arrependi.	Não.
Jéssica Fernada (JF)	Normal	Sim, porque toda criança tem que estudar.	Pai e mãe.	Sim, porque tem que estudar.	Não.
Inez Ferreira Porto (IFP) Casada, 3 filhos.	Simple e analfabeta	Sim, me matriculando. Porque eles gostariam que eu fosse diferente deles.	São meus 3 filhos e marido.	Sim, me incentivando , pra mudar de emprego.	Sim, meus filhos mais velhos me ajudam com as tarefas.
Ivonete de Souza (IS) um filho.	Eu, pai e mãe.	Não, por motivos de separação.	Minha família, somos eu e meu filho, moro somente com ele, meus pais moram em outra casa.	Não.	Não.
Juliana, casada 1 filho.	Minha mãe, minha irmã e eu.	Minha mãe sempre quis que eu estudasse.	Eu, meu filho, marido e bichos.	Sim, porque o estudo faz muita falta.	Sim as vezes nas pesquisas de trabalho.



Mariane Bitten (MB)	Uma família bem linda e até hoje moram todos juntos.	Sim sempre influenciou, principalmente a minha mãe.	Pai, mãe e duas irmãs todos moram juntos.	Sim, para fazer uma faculdade, e fazer principalmente porque eles não fizeram.	Sim, me incentivando e dando o carro para ir pra aula.
Roberta	Muito alegre e unida	Sim, me levando todos os dias na escola para que eu tenha um futuro melhor.	Hoje uma irmã esta casada, eu moro com meus pais e um irmão e um sobrinho. E é muito feliz.	Sim e muito porque eu perdi um pouco de tempo longe da escola.	Sim, faz de tudo para que eu não falte as aulas.
Juliana Ribeiro da Silva (JRS) casada.	Muito legal e bem estruturada.	Sim mas não liga muito para isso.	Hoje em dia moro com meu marido meus pais faleceram.	Foi vontade própria só uma tia que falou alguma coisa.	Não.
Ismael Soares (IS)	Minha família era de classe humilde, meu pai era empregado minha mãe trabalhava em casa, meus pais valorizavam a educação, disciplina e religião.	Sim, mais na questão de obrigação.	Bom eu hoje construí a minha família e procuro incentivar meus filhos a estudar.	Não eu voltei para questão própria e necessidade do trabalho.	Não.
Ouelen Viviane dos Santos Souza (OVSS) casada.	Fui abandonada pela mãe, meu pai faleceu aos meus 8 anos de idade, fui criada pela minha avó.	Sim mais a desunião da família influenciava no meu desempenho escolar.	Formei minha própria família, me casei e sai do interior.	Sim ,meu marido e minha sogra me influenciaram, ele já estudou na instituição.	Sim meu marido me ajuda não me deixando desanimar com os problemas do dia a dia.
Joel Marcos dos Santos (JMS)	Minha mãe era mais presente que meu pai, mais foi normal.	Sim, me incentivando e dizendo para ter futuro melhor e uma profissão boa e qualificada.	Muito legal e unida	Sim, para ter mais conhecimento e oportunidades na vida profissional.	Não.
Lucia Ap. Costa (LAC)	Meu pai muito rígido e bravo, minha mãe evangélica e calma eu e mais cinco	Comecei a estudar aos 8 anos e parei ao 17 anos , até que eles me incentivaram bastante.	Não moro com meus pais devido a falta de afinidade, moro com minha irmã.	Não, porque eles acham que não é importante estudar.	Não.

	irmãos.				
Estela Cruz Silva (ECS)	Bom, minha família era atenciosa e sempre esteve presente em minha vida.	Sim, pois sabiam que iria me ajudar futuramente, ajudará melhor dizendo, alias a educação é fundamental e o conhecimento também.	Continuam iguais só que agora eles são mais cautelosos, eles me apóiam minha em minhas decisões e estão comigo independente do que acontece	Minha família me apoiou, pois eu voltei a estudar para não perde muito tempo, e eu tenho objetivos então eles apoiaram novamente.	Sim, quando tenho duvidas é a eles que recorro, pois já passaram por isso e são bons exemplos para mim.
Bruna F. S. Silva (BFSS)	Morava com minha mãe, meu pai e dois irmãos.	Sim, me motivando a estudar , fazer as lições, me matriculando em diversos cursos, informática, kumon, inglês, etc.	Muito estruturada, renda mensal suficiente, minha filha freqüenta escola particular. Dou todo o apoio para os estudos. Moro com meu marido e filha.	Sim, pois temos que ter metas para ir cada vez mais longe.	Sim, me ajudando nos afazeres domésticos.
Maria Leonice Menegueta (MLM)	Uma família grande de sete irmãos com três irmãos e três irmãs, éramos bem unidos e felizes, todos nos fomos criados na fazenda do meu pai graças a Deus fomos criados sem nenhum vicio e continuamos assim ate hoje.	Minha mãe me casou muito cedo, e meu ex - marido não deixou continuar.	Duas filhas, e um neto, vivemos muito unidos, com minha família principalmente com os genros e filhas.	Sim, minhas duas filhas, e eu estamos realizando o meu sonho de criança.	Não, pois elas ao tem tempo, algumas vezes muito pouco minha filha mais velha me orienta na matemática.
Wellington Juliano de Oliveira (WJO)	Era bastante unida assim como é hoje em dia saíamos muito e fazíamos varias coisas legais.	Sim, me matriculando bem cedo e acompanhando todas as reuniões.	É formada pelo meu pai, minha mãe e meus dois irmãos e somos bem felizes.	Sim, mas foi mais escolha própria mesmo.	Sim, pagando minha mensalidade quando preciso.
Jean de Oliveira	Grande, eu e mais oito irmãos, porem bem unidos e muito	Não, minha mãe não tinha instrução escolar e meu pai viajava	Meu filho de catorze anos e minha esposa.	Sim , meu filho e minha esposa querem que eu tenha um futuro melhor,	Sim, com apoio moral e pesquisando junto comigo os meus trabalhos na

	simples.	muito.		principalmente no mercado de trabalho.	internet.
Arthur Sales Ferreira	Minha família era uma família boa sempre presente ao meu lado.	Sim, por que os estudos e um das coisas mais importantes na nossa vida.	Minha família é uma família na presença de Deus, e hoje graças a Deus é uma família boa.	Sim, para eu ser alguma coisa na vida.	Influência.
Nilza dos Santos Bernardes	Normal, tinha um pai uma mãe e era feliz.	Sim mas tive que parar cedo de estudar para trabalhar, pois perdi meus pais cedo, não recebi nenhuma pensão e nem parente para me ajudar e tive que me virar.	Minha família hoje é meu marido, meus filhos e minhas irmãs.	Não, voltei por necessidade, o mercado de trabalho esta mais exigente.	Não.
João Marques Junior	Ótimo, em outras palavras perfeita.	Sim muito me levavam todo dia, com ou sem chuva, eles queriam que eu tivesse um estudo que eles não tiveram.	Graças a Deus muito estruturada tento financeiramente como espiritual.	Sim, porque eles queria que eu tivesse uma vida melhor para mim tanto para meu filho. A vida que eles não puderam me dar.	Depende, se for em dinheiro não, mas conselho e incentivo sim.
Florindo Lucio Rosato	Era uma família humilde as que nunca deixou faltar nada, alimentação, roupa, calçados, etc.	Sim, minha mãe dava conselhos, dizendo que sem estudo a gente não era nada, não era ninguém, e ela queria que eu me formasse.	Hoje minha família é maravilhosa, o convívio é muito bom, tenho esposa e filhos e que eu os amo muito, e sei que também sou amado por eles.	Minha esposa, por que ela quer que eu me forme em alguma faculdade, mas não dá, pois eu amo a minha profissão, que é motorista de ônibus.	Meu filho principalmente e matemática.
Magda Cristina dos Santos Barbosa	Eu morava com a minha mãe e meu pai ia me ver sempre, mas não morava com a gente, acho que ele e minha mãe namoravam ele veio morar com a gente	Não sei, por que minha mãe trabalhava e meu pai também, quase nunca tinham tempo para irem as reuniões da escola, mas nunca precisaram me cobrar porque eu sempre soube das minhas	Hoje é eu, minha mãe, meu irmão, meu pai faleceu a quatro meses, apesar da falta que meu pai az estamos felizes somos unidos.	Sim, minha mãe me ajuda cuidando da minha filha para eu vir para a escola, porque ela quer que eu faça faculdade.	Sim, me indicando escolas e me mostrando que todos da minha família já havia se formado e eu não tinha, interesse em nada sobre estudos.

	eu tinha cinco anos.	obrigações.			
Lídia A. Santos Teodora	Uma família simples, morávamos no sítio uma família feliz.	Eles diziam que uma pessoa sem estudo não teria um futuro muito bom.	Uma família maravilhosa, eu meu marido e dois filhos lindos.	Sim para uma remuneração melhor.	Sim tenho incentivo de todos.
Luana Barbosa Novais	Nos sempre fomos unidos apesar de tudo.	Sim minha mãe sempre me incentivou, me colocando nas melhores escolas públicas do centro, para que o meu futuro fosse melhor.	É perfeita, sou casada, tenho um filhinho e moro ainda com minha mãe.	Sim, mas a atitude foi mais minha.	Sim, e pra falar a verdade eu na trabalho e se não fosse o meu marido não paga-se o meu transporte e me incentivasse não teria como eu vir estudar.
Gismary Orasmo	Sempre fui criada só pela minha mãe, meu pai não me assumiu, então minha família é só minha mãe.	Sim, pois ela era professora na época, mas agora se aposentou. Mas sabe né filha de professora tem que ser a melhor aluna.	Minha família hoje é só minha mãe e meu filho, e é com harmonia e feliz Graças a Deus.	Não e sim, minha mãe quer o meu melhor de mim, mas ela fala que a decisão é minha.	Sim, quando tenho dúvida de alguma coisa ela me ajuda a resolver ou a pesquisar , pois agora que ela aposentou ficou mais fácil.
Marinda	Sempre muito trabalho e pouco dialogo	Sim, porque na época a primeira opção era trabalho, eles também me pediram para que continue os estudos para ter melhor opção no mercado de trabalho.	Hoje pouco sei, pois moro sozinha e não tenho mais tempo para nada.	Desta vez foi minha opção.	Não.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> **Marcia Rejania Souza Xavier** possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (1992), Especialização em Psicopedagogia (1997), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003). É Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina na Linha de Pesquisa Ensino e Formação de Professores. Atualmente é professora da Universidade Estadual de Londrina e desenvolve pesquisa na área de Educação de Jovens e Adultos, Educação e Diversidade, Gestão da Educação e Pressupostos Teóricos de Paulo Freire.

<sup>2</sup> **Cláudia Regina Alves dos Santos** é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina, Especialista em Gestão Educacional e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é Supervisora em Educação no Serviço Social do Comércio (SESC), Docente da Universidade Estadual de Londrina e Pesquisadora na área de Gestão e Políticas Públicas e Educação de Jovens e Adultos.

<sup>4</sup> **Carlos Rodrigues Brandão** é bacharel em psicologia e psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965-1969). Possui mestrado em antropologia pela Universidade de Brasília (1974), doutorado em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1980) e livre docência em antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas (1989). Realizou estudos de pós-doutorado em antropologia junto à Universidade de Perugia e à de Santiago de Compostela (1992) Aposentou-se da UNICAMP em 1997 após vinte e três anos de e trabalhos lá, e após trinta anos como professor. Permanece como docente dos quadros do Doutorado em Antropologia e do Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP. Desde quando aposentado foi professor convidado do Instituto de Formação de Educadores da Universidade de Uberaba; professor convidado do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP; professor visitante da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás e professor convidado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, do qual permanece como professor colaborador. Foi pesquisador visitante da Universidade Estadual de Montes Claros. Permanecerá como professor designado do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES. Desde 1963 trabalha com educação, sobretudo nas áreas de educação popular e educação ambiental. É membro do Conselho Internacional e consultor do Instituto Paulo Freire. Divide sua obra escrita entre a antropologia, a educação e a literatura. Desde 1963 participa como integrante de quadros ou consultor de instituições de ação social. Publicou ou coordenou a edição de sessenta e dois livros nessas três áreas do conhecimento. É comendador da Ordem do Mérito Científico; professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás.

<sup>5</sup> **Émile Durkheim** nasceu em Épinal, na Alsácia no dia 15 de abril de 1858. (é considerado um dos pais da sociologia moderna. Foi o fundador da escola francesa de sociologia, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. É amplamente reconhecido como um dos melhores teóricos do conceito da coesão social. Iniciou seus estudos filosóficos na Escola Normal Superior de Paris, indo depois para Alemanha. Ainda moço decidiu não seguir o caminho dos familiares levando, pelo contrário, uma vida bastante secular. Em sua obra, por exemplo, explicava os fenômenos religiosos a partir de fatores sociais e não divinos. Tal fato não o afastou, no entanto, da comunidade judaica.. Entrou na École Normale Supérieure em 1879 juntamente com Jean Jaurès e Henri Bergson. Durante estes estudos teve contatos com as obras de Augusto Comte e Herbert Spencer que o influenciaram significativamente na tentativa de buscar a cientificidade no estudo das humanidades. Suas principais obras são: Da divisão do trabalho social, As regras do método sociológico, O suicídio, Formas elementares da vida religiosa, Educação e sociologia, Sociologia e filosofia, e Lições de sociologia

<sup>6</sup> **Philippe Ariès** (Blois, 21 de julho de 1914 - Paris, 8 de fevereiro de 1984) foi um importante historiador e medievalista francês da família e infância, no estilo de Georges Duby. Ariès escreveu vários livros sobre a vida diária comum. Seu mais proeminente trabalho rendeu um brilhante estudo sobre a morte. No seu trabalho A história Social da Criança e da Família, Ariès demonstra que o surgimento de um discurso sobre a infância está vinculado à emergência da percepção da especificidade do infantil na modernidade.

<sup>7</sup> **Geraldo Romanelli**. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1970)

---

, mestrado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1979) e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1987) . Atualmente é Professor assistente doutor da Universidade de São Paulo, Membro de corpo editorial da Revista Brasileira de Educação, Membro de corpo editorial da Revista da SPAGESP, Revisor de periódico da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Revisor de periódico da Paideia (Ribeirão Preto), Revisor de periódico da Revista Brasileira de Educação, Revisor de periódico da Interface. Comunicação, Saúde e Educação, Revisor de periódico do Educação em Revista (UFMG), Revisor de periódico da Cadernos CERU (USP), Revisor de periódico da Revista Brasileira de Ciências Sociais, Revisor de periódico da Arquivos Brasileiros de Psicologia, Revisor de periódico da Psicologia. Reflexão e Crítica, Revisor de periódico da Revista de Saúde Pública/Journal of Public Health, Membro de corpo editorial da Cadernos CERU (USP), Membro de corpo editorial da Paidéia-Cadernos de Psicologia e Educação e Membro de corpo editorial da Berggasse 19. Tem experiência na área de Antropologia , com ênfase em Antropologia Urbana. Atuando principalmente nos seguintes temas: família - camadas médias - modernidade.

<sup>8</sup> **Heloisa Szymanski.** Concluiu o doutorado em educação (Psicologia da Educação) pela pontifícia universidade católica de São Paulo em 1988. Atualmente é professor titular da pontifícia universidade católica de São Paulo. Publicou 18 artigos em periódicos especializados e 38 trabalhos em anais de eventos. Possui 11 capítulos de livros e 3 livros publicados. Possui 38 itens de produção técnica. Participou de 4 eventos no exterior e 40 no Brasil. Orientou 33 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado, além de ter orientado 13 trabalhos de iniciação científica nas áreas de Educação e psicologia recebeu 1 prêmio e/ou homenagem. Atualmente coordena 1 projeto de pesquisa. Atua na área de Educação, com ênfase em Psicologia Educacional. Em suas atividades profissionais interagiu com 43 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos em seu currículo lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, técnica e artístico-cultural são: família, família fenomenologia, pesquisa intervenção, identidade, psicologia da educação, família e educação, praticas educativas, atenção psicoeducacional e creche.

<sup>9</sup> **Maria do Carmo Brant de Carvalho** é doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorada em Ciência Política pela École des Hautes em Sciences Sociales de Paris. Atuou como professora no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi membro do Conselho Nacional da Comunidade Solidária da Casa Civil da Presidência da República do Brasil, é autora de vários trabalhos publicados e atualmente é Superintendente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária . Mantém-se consultora em vários projetos de avaliação de políticas e programas sociais incluindo a formulação de matriz de indicadores de projetos de habitação de interesse social para o Ministério das Cidades Programa Habitar Brasil BID (2005/06) e Secretaria municipal de Habitação de São Paulo (2009).

<sup>10</sup> **José Rogério Lopes.** Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Taubaté (1983), mestrado (1991) e doutorado (1997) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Professor Titular e Coordenador do PPG em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, e em Políticas Públicas, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, imagética religiosa, devoções populares, pobreza, processos de exclusão e cidadania.

<sup>11</sup> **Mário José Filho.** Possui graduação em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Estigmatino (1980), graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1980), graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1988), mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1992) e doutorado em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998). Livre docente em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) . Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Metodologia do Serviço Social Família Sociedade e Política Social, atuando principalmente nos seguintes temas: família, serviço social, trabalho, cidadania e educação.